



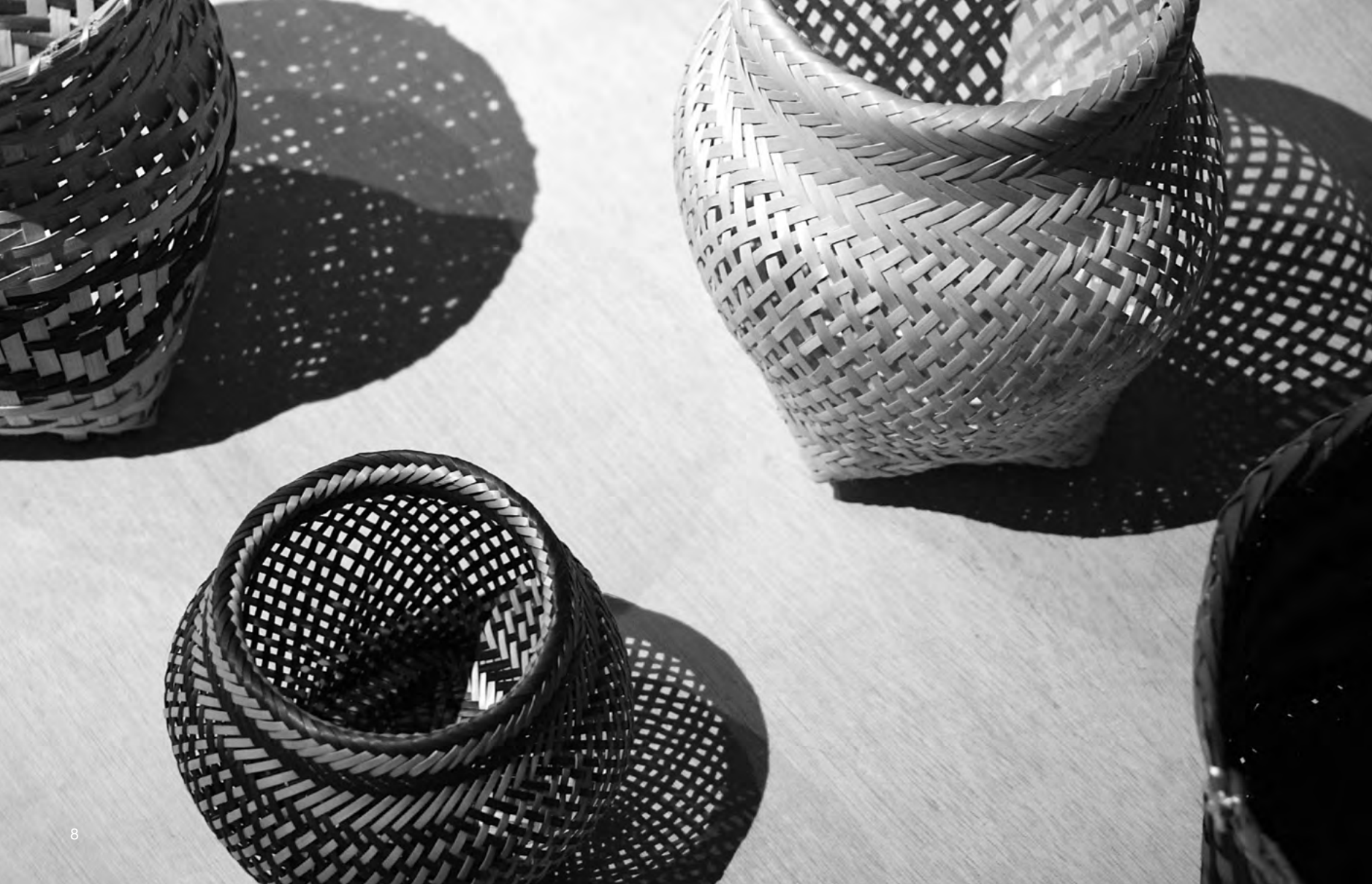
# KAXA

TRAMAS TEIAS REDES  
GUARANI MBYA E JURUA

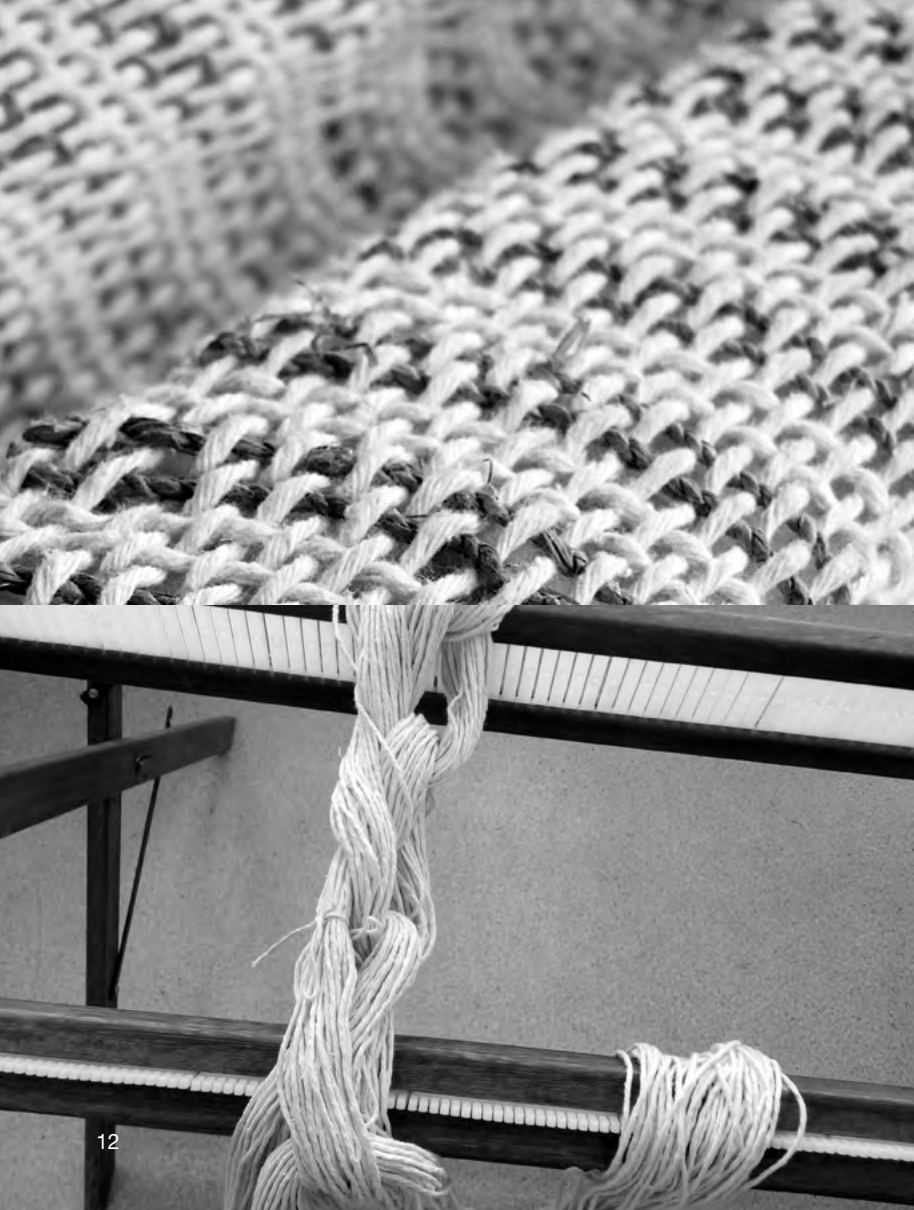












TRAMAS TEIAS REDES  
GUARANI MBYA E JURUA

## **KYA – TRAMAS, TEIAS E REDES GUARANI MBYA E JURUA, TECENDO TROCAS**

A exposição *Kya – Tramas Teias Redes Guarani Mbya e Jurua* se debruça sobre possibilidades de trocas entre artistas visuais não indígenas – jurua para os Guarani, e os modos de ser e estar no Mundo dos Guarani Mbya. Com curadoria de Lucas Icó, também como parte da aprendizagem, produção, reflexão e criação para conclusão de seu doutorado, a exposição nos trouxe igualmente reflexões sobre os objetivos e função do Museu da UFRGS, assim como nossa postura enquanto sujeitos desse Museu.

Ao longo de muitos anos, a equipe do Museu da UFRGS vem agenciando formas de compreender o fazer, as epistemologias e a cosmovisão guarani mbya, partindo do pressuposto que a arte não é uma disciplina e circuito fechado da cultura. Temos percebido a existência guarani mbya não como recorte da realidade, mas como totalidade da existência ao longo de nossa aproximação com comunidades indígenas. Uma complexidade que não separa ser humano de animal, nem o meio ambiente da humanidade.

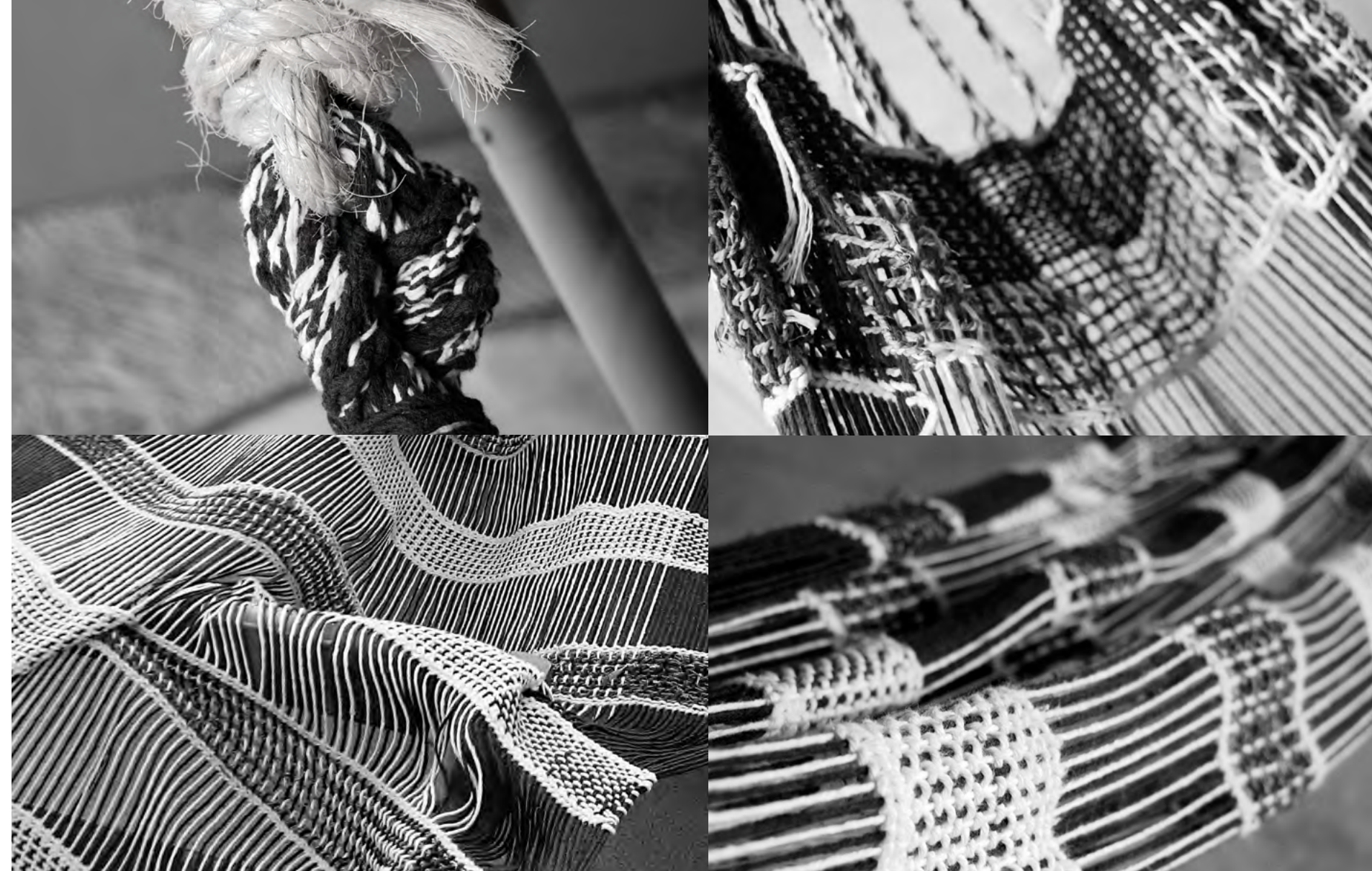
Questões cruciais se apresentam, tais como: o que pode ser considerado arte? A produção cotidiana de objetos ou mesmo a elaboração de peças exclusivas para comér-

cio, são arte ou artesanato? Numa definição do senso comum, o artesanato seria aquele que geralmente tem uma função prática e a arte pode ou não ter uma função prática – mas é sempre uma intenção, uma expressão pessoal, uma mensagem. Podemos então questionar se os objetos cotidianos produzidos pelos Guarani, mesmo sendo utilitários, não tem intenção? Escutando aos guaranis, aprendemos que tais objetos são, sim, uma expressão pessoal e coletiva, carregando diversos signos e significados.

Também nas trocas com o artista pesquisador Lucas Icó, bem como com a artista e pesquisadora Cláudia Zanatta, que orienta a pesquisa de Lucas no âmbito da pós-graduação, trançamos novas linhas e iniciamos a costura de novas redes, realizando a exposição com a organização deste catálogo, que apresentamos agora.

A presença das comunidades Guarani, não só efetivamente na produção de boa parte dos elementos na exposição, especialmente Tekoa Nhe'ngatu e Tekoa Anhetengua, mas também, e principalmente, a circulação diária das comunidades bem como do público visitante, cresceram a trama.

Assim como os caminhos que percorremos remetem à ideia de movimento, eles também se caracterizam por



paradas, formando os cruzamentos dos fios que tecem nossas redes e tempo para reflexão e a escuta sensível. Então, para além das exposições que o Museu da UFRGS oferece, sempre de maneira compartilhada, o que marca essas caminhadas é a circulação de conhecimentos, a noção de coletivo e a partilha.

Como espaço para fruição, o Museu também é um espaço de democratização de saberes, de oportunidade para conhecer epistemologias além daquelas que colonizaram corpos, saberes, inventaram instituições. Neste Museu, apresentamos cosmovisões outras, ao mesmo tempo em que nos constituímos como mais um ponto de apoio às lutas dos povos indígenas.

A troca de saberes que permeou o trabalho do curador e dos artistas não indígenas com as duas comunidades Guarani continua no espaço expositivo e contribui para uma das premissas do Museu da UFRGS: a descolonização do saber, principalmente em uma instituição de ensino. Nossa perspectiva é a de ampliar e questionar, de colocar em outro patamar o conhecimento eurocêntrico com respeito à diversidade cultural e a incorporação de outros saberes ancestrais.

Nessas tramas que formam as redes, repousamos nossa esperança de que sejamos, nós, os não indígenas, capazes



Detalhe da exposição *Oretataypy, presença Mbya Guarani no Sul e Sudeste do Brasil*. Exposição realizada entre 16 de outubro de 2011 e 01 de junho de 2012. Foto: Acervo Museu da UFRGS.

de aprender a entender o mundo de maneira simples e interligada, mas nem por isso menos complexa e profunda que os saberes ancestrais nos ensinam.

O fomento público das instituições Funarte e Fumproarte que este projeto recebeu endossa a política alinhada com a luta dos povos indígenas do Museu da UFRGS.

Cláudia Porcellis Aristimunha –  
Diretora do Museu da UFRGS





## TEMBIAPO

Tembiapo ma yma guiove hae ma oikuaa, ijaryi ha`e tamoin kuery gui, agyn guive teri ojapo, ha`e va`e hea ma okuereko teri oexauka haguã kueko.

Tembiapo re hae ma oexauka opa mba`e regua, ha`e rami hae havi ombo`e heravy kyingue pe, pono omokanhy guamoin kuery ombo`e va`ekue, arandu renda py voi nhombo`e rã ha`e oexauka rã mba`eixa pa imba`eapoa, opa mba`epy oin tembiapo, ojeguaa py, kaxo, oporai, vixo`i ojapo hapy guive. Yvy po kuery ka`aguy omoba ramo py ndoexa vei ma vixo`i hete ka`aguy regua ha`e vy vixo`i rangaa rive ma rã oexauka haguã.

Oin havi mbya rembiapo kunha rete regua, ajaka gui manje nhanderu ombojera raka`e kunha pe ha`evy rima agyn ajaka kunhangua rembiapo hae, ha`e javi regua ve ojapo ajaka, kyrin`in va`e tuixa va`e, imbotya va`e ha`e ajaka tapuru`a`i havi.

Tembiapo ma yma guare hae ma, agyn reve tevoi ha`e tenonde rã kuery ojapo tevoi rã onhembo`e ramo, ha`e va`e hae ma py heko, ovende haguã nho he`yn py ojapo, oiporu haguã ha`e oexauka haguã vi kunha tain kurey ojapo kuaa haguã ha`e oexauka haguã pave pe.

## ARTE INDÍGENA

A arte indígena é uma expressão cultural rica e diversificada, profundamente ligada às tradições, crenças e modos de vida dos povos originários. No contexto atual, ela continua a ser uma forma vital de resistência, identidade e conexão com a ancestralidade, ao mesmo tempo em que nos adaptamos aos desafios e oportunidades do mundo moderno.

A arte é um instrumento importante para reafirmarmos nossa identidade e lutar contra a discriminação e a tentativa do apagamento cultural. Ela tem sido usada como uma ferramenta educativa para promover o respeito e a compreensão das culturas originárias, especialmente em contextos urbanos e escolares, pois nossa arte é repleta de significados espirituais e corpos, muitas vezes representando mitos, rituais e a relação com a natureza, como os bichinhos de madeira produzidos por nós Mbya. Com o desmatamento, sabíamos que a flora e a fauna iriam perecer e que muitos de nossos filhos não iriam chegar a conhecer os animais que existiam na terra, então surgiu a produção dos bichinhos de madeira que fazemos para mostrar os animais existentes antes de sua extinção.

Também importante na arte da cultura guarani é a representação dos corpos femininos (sagrado feminino). O valor simbólico das cestas está conectado com a história da criação das mulheres no mundo. Deus Nhanderu criou





as mulheres a partir de um cesto. A fim de que pudessem produzir suas próprias cestas, presenteou-as com uma muda de taquara, que cresceria gerando material para a criação de novos cestos. Por isso, esses artefatos possuem diversos formatos e cores, celebrando as diversas maneiras de ser mulher. As cestas são de todas as cores, etnias e formas: altas, baixas, gordas, magras e até grávidas, como as cestas “barrigudinhas”.

A arte indígena é a conexão entre o passado, o presente e o futuro. Ela é o que nos mantém vivos, é o legado cultural dos povos originários, enquanto tentamos nos reconstruir no cenário atual. Sua importância vai além da estética, servindo como uma ferramenta de resistência e existência. O apoio e a valorização garantem que tenhamos voz e espaço para dividirmos nossas histórias e visão do mundo.

Araci da Silva – Enfermeira, artesã e pesquisadora da exposição





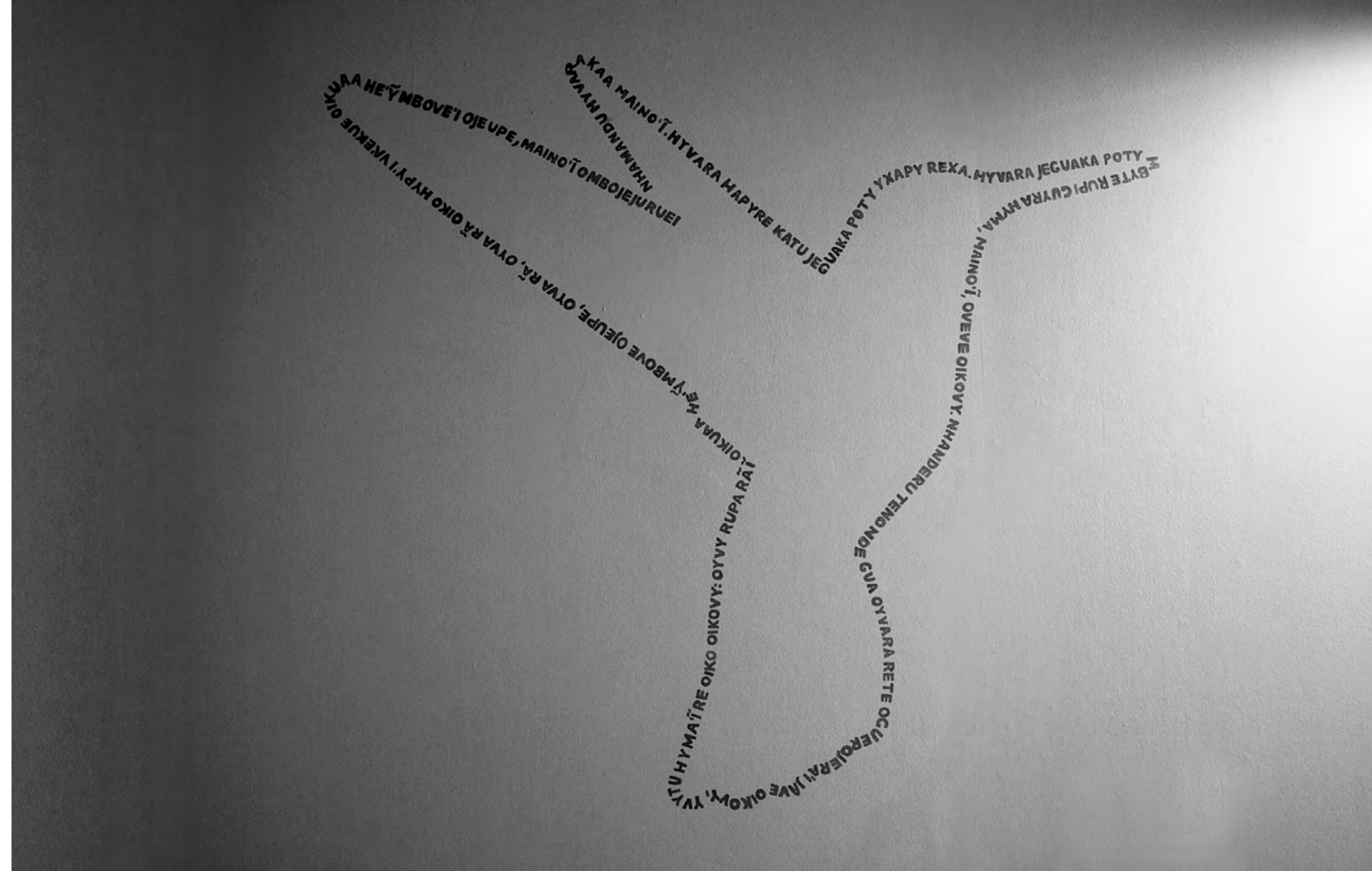
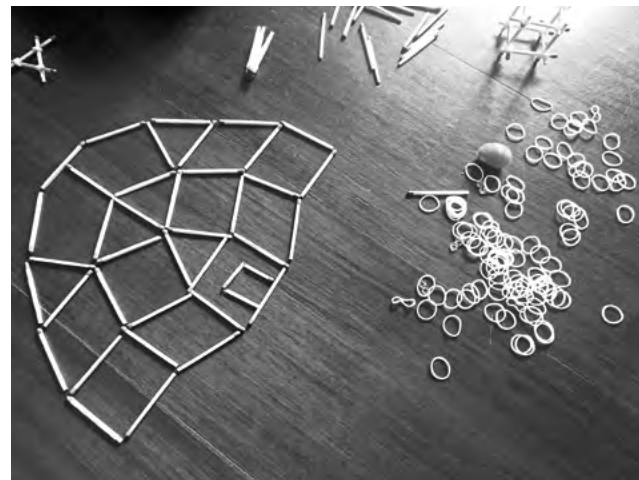


Urbano, Eloir Werá Xondaro, Epifânio Chamorro, Érica Saraiva, Grupo Teko Guarani, Guilherme Maffei, Jéssica Silveira Benites, João Maurício Farias, Jorge Morinico, Karai Tataendy, Laércio Karai, Lucas Icó, Lucas Ferreira, Márcia da Silva, Marcelo Martínez, Maria de Fatima Morinico, Naia La Bella, Nelson de Oliveira, Reni Para'i Gomes, Ruben Franco, Sérgio Morinico, Sol Archer, Talcira Gomes e Vherá Poty.

Kyas podem construir redes, arquiteturas efêmeras para descansar, mas também dispositivos de caça ou arapucas para obtenção daquilo que é necessário para viver – alimento. Kyas são tramadas na mata sempre em convivência com outras arquiteturas e formas de vida. Compartilhamos aqui o tempo prolongado destas tramas em processos artísticos, seus afetos, confluências e dissensos. Atentar para os modos de construção destas tramas e destas redes, ou seja, modos de composição entre vidas humanas e mais que humanas, indígenas e não indígenas, e entre pessoas com diferentes experiências e visões de mundo, é uma intenção da exposição KYA.

Este catálogo é uma instância de registro da riqueza de saberes na exposição. Além dos registros fotográficos, apresenta textos e falas dos artistas, pesquisadores e professores que criaram a exposição assim como o processo de confecção dos trabalhos expostos.

Lucas Icó – Pesquisador, artista e curador da exposição









## GUAÍBA, YGUA PORÃ

**Jorge Morinico** O nome Guaíba também está na nossa língua?

**Timóteo Karai** Sim, é como nossos avós falavam. Mesmo falando o que os nossos avós falavam, sempre muda o jeito de dizer.

**JM** Como seria no jeito de falar guarani?

**TK** Eles chamavam “para todos tomarem água”, todos que vivem perto do Guaíba. Até hoje os brancos tomam dessa água na cidade. Guaíba seria ygua, onde a gente toma água, onde a água fica concentrada. O Guaíba é um grande ygua, um grande lugar de água. Os agricultores também aproveitam dessa água. O guaíba é um ygua porã (lugar bonito para todos tomarem água).

(...) Antes tudo isso era nosso. Por aqui nossos parentes Mbya ficavam felizes... Essa água é sagrada. Daqui se ia para a morada dos deuses, se embarcava aqui. E nós estamos aqui agora.

(...) Mesmo que os brancos fiquem ameaçando a gente, eu não fico preocupado. Eu não tenho medo. Porque o sol que nos ilumina, também ilumina os brancos. Se o sol não vem mais todos vão se perder.

Depoimento para o filme *Guata*, em 3/09/2021

Timóteo Karai – Liderança político-espiritual da Tekoa Yjere, retomada guarani na Ponta do Arado

Jorge Morinico – Realizador de audiovisuais, professor e artista da exposição

## PONTA DO ARADO, TERRA ANCESTRAL GUARANI

Ali coexistiram muitos mundos e realidades antes da invasão europeia, mas todos eles respeitaram, cultuaram forças que hoje parecem se voltar contra nossa sociedade. Na Ponta do Arado – Tekoa Yjere –, diz Timóteo, cacique da aldeia: “A terra tem dono, não pode fazer o que quer!”

Será que podemos dispor do meio de forma a beneficiar indivíduos, como se a “natureza” existisse para nós? Timóteo sabe da disparidade de forças entre um ser e todo o restante.

Qual o limite para nossas aventuras e prazeres pessoais?

Qual o limite de nossa tolerância diante de grandes predadores assassinos?

A “natureza” está sendo devorada e não percebemos?

Na Ponta do Arado, a “natureza” está vencendo quando uma agente de um sistema judiciário, de nossa sociedade, barra esta devoração em forma de um megaempreendimento imobiliário, um verdadeiro projeto de morte para o Arado.

A agente pública ajuíza este projeto como sendo “frágil”, uma devoração frágil por não considerar os mundos e verdades vividas e viventes naquele ambiente: “O projeto é demasiadamente frágil, desamparado de qualquer estudo ou fundamento capaz de rechaçar os riscos, problemas e impactos ambientais e urbanísticos apontados pelo Ministério Público”.

Sua decisão aponta os devoradores, Prefeitura e Câmara Municipal de Porto Alegre, aliados com interesses da Arado Empreendimentos LTDA. Num tempo de sentirmos em nossos corpos aquilo que nos parece difícil entender, os fenômenos catastróficos da “natureza”, e como menciona a agente pública em “riscos ambientais intoleráveis”, contrapondo-se à ideia de um pretenso controle e proibição na tutela ecológica, a agente do Ministério Público julga e sentencia que: “o intento legislativo municipal desconsidera os interesses culturais, paisagísticos, ambientais, urbanísticos, históricos e arqueológicos, menosprezando o impacto sobre as populações indígenas e desafiando o Estatuto da Cidade”.

A agente continua a sentença: “Ambiente é definido, constitucionalmente, como um bem de uso comum do povo e resultado das relações do ser humano com o tecido natural que lhe circunda”. Édis Milaré, autor da frase, nos auxilia na compreensão da construção do argumento e reflete a relação de uso do meio na perspectiva dos povos indígenas, pois para estes o equilíbrio no meio é igual a uma existência plena entre todos os seres.

Com a decisão judicial, Timóteo comemora a vida. Que bom para todos nós! Ao fim e ao cabo, a Ponta do Arado é um Território de Vida – Yjere.

Uma batalha ganha em uma guerra que já dura mais de 2 mil anos.

Carmem Guardiola – Ativista dos direitos indígenas e ambientais

\*Texto publicado originalmente no site da Amigas da Terra Brasil em 12/06/2024 com o título “Arado S.A. projeto de morte, Yjere território de vida”.

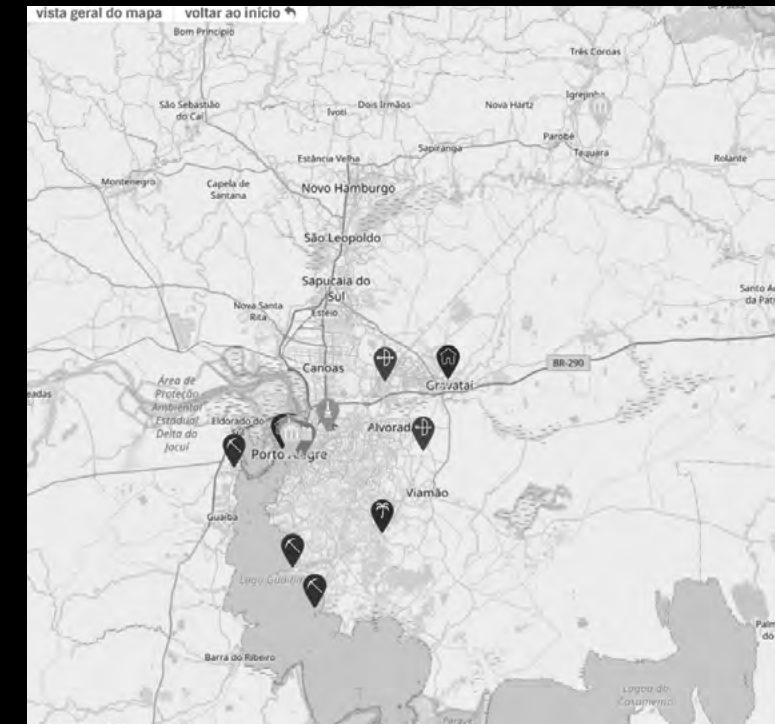


Foto: Polly e Gustavo Mansur/Pública Paraná

## Porto Alegre Guarani Mbya

A capital dos gaúchos é também território de uma história de longa duração, a dos povos indígenas, e em especial a do povo Guarani Mbya. Dentro do grande território Guarani, o - yvyrupa - em sua língua, o local onde é hoje o Rio Grande do Sul se chamava Tape - caminho - por estar no percurso entre o centro de seu território até o mar - Para Guaxu.

É nessas longas caminhadas - guatá - que se forma a territorialidade e a vivência do povo Guarani, desde suas habitações tradicionais nas margens do lago - Guaíba -, passando pelos ataques dos colonizadores invasores, até a reconstrução dos lugares de produção de suas vidas, a - tekoa - e as lutas pelas garantias de seus direitos originários.

## INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES

A presença de indígenas nas universidades é um passo importante para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Apesar dos desafios, o acesso à educação superior tem permitido que os povos indígenas fortaleçam suas identidades, defendam seus direitos e contribuam para o desenvolvimento de suas comunidades e do país como um todo.

Muitos estudantes indígenas enfrentam desafios ao se mudar para cidades grandes: choque cultural, dificuldades de adaptação, solidão e a falta de apoio familiar. Estando em um ambiente que não é seu, os estudantes universitários indígenas sofrem em seu cotidiano preconceito e discriminação, assim como o racismo e a falta de compreensão sobre as culturas indígenas, que ainda são obstáculos dentro das universidades.

A dificuldade de permanência no curso, a falta de recursos financeiros e o desenraizamento cultural podem levar à evasão escolar. Apesar de todos esses obstáculos, continuamos a levar um pouco de nós indígenas para dentro das universidades. Fazemos questão que todo mundo saiba que estamos lá representando nossa cultura e que vamos ocupar cada vez mais esses espaços, promovendo a diversidade cultural e enriquecendo o debate acadêmico.

## ONHEMBO`E VA`E KUERY ARANDU RENDA PY

Onhembo`e va`e kurey ma agyn jogueraa okuapy yvy po kuery mbyte rupi ikuai, onhembo`e haguã, ha`e rami ikuai nhanerentarã kuery oipytyvõ ve`i haguã opa mba`e py.

Onhembo`ea rupi opa mba`e havi oaxa, ikuai reta vi py heta yvy po kuery ndaija`ei va`e onhembo`e okuapy ramo, joo rami he`yn py heko, ha`e rami tein py ndajajou vai rã, jaikuaa kuere hae ma py jaa hetã re.

Amongue ndojepokuaai va`e ha`e ndaiperatai va`e opytu`uju havi onhembo`ea gui, va`eri oikuaa pota ramo guentarã ha`e tekoa oipytyvon ve haguãe va`eri onhembo`e ha`egui yvy po kuery oikuaa ve haguã mba`eixa pa teko.

Ha`e rami tendã rupiu ikuai vy py oexauka ve gueko, nhembiapoa, ha`evy hae py yvy po kuery oikuaa ve rã mba`eixa pa tekoa py ikuai nonhembo`ei jave.



Em um mundo em que cada vez mais indígenas têm ocupado espaços institucionais, a arte indígena é um instrumento importante para reafirmarmos nossa identidade e lutar contra a discriminação e a tentativa do apagamento cultural. Temos o dever de desconstruir estereótipos; a nossa arte tem sido fundamental para ensinarmos pessoas não indígenas um pouco mais sobre nós. Ela tem sido usada como uma ferramenta educativa para promover o respeito e a compreensão das culturas originárias, especialmente em contextos urbanos e escolares.

Araci da Silva

Os jurua não aceitam conselhos dos mais velhos. É isso que está matando, também, o povo dos jurua. E nós não. A gente precisa do conselho dos mais velhos. Duas coisas, tem que ver. Nós enxergamos antepassados, e o futuro também. Por isso que nossos avós nunca terminam a história. Os mais velhos são como livros vivos. É livro humano que a gente têm.

Talcira Gomes – Liderança da Tekoa Para Rokê, parteira e artista da exposição







## MAËTỸ INHE`Ê VA`E

**João Mauricio Farias** Mba`e tu yvy oikotevẽ yvy porã haguã?

**Talcira Gomes** Roexa rã py? Ore roma`ẽ rã, roexa rã mamo pa yvy porãa. Ore roexa ma yvy nai porãia, roikuaa ma ndaeveia. Yvy ro maëtỹ haguã, opuã va`e rã ro nhotỹ ramo. Ka`aguy va`e rire yvy porã rangue. Roexa puku py ore, jurua rami he`ỹ py. Jurua ma perata rive oexa puku? Pira pire (perata). Mbya kuery ma ha`e rami he`ỹ ju.

**Araci da Silva** Ha`e rami vy hae py yvy jaea roipotã. Ore kokue gui ore ra`y ha`e ore ramymino kuery romongaru haguã. Rojogua rano py hepy vai tavi.

**Cristina Ribas** Hen, oguery havi py mba`eaxy, tembi`u oje`a kue rive ma py?

**AS** Ore mba`e rã rogueraa haguã he`ỹ py yvy roipotã. Roiko ve haguã rive rima. Jurua kuery omboja`o pa ma, nim pe`ipy nghanhotỹ haguã rami ve`ỹ ma. Ojayapa tapy. Ha`e rami vy nda`evei. Agỹ py yvy ija va`e ma, jurua kuery onhemomba`e, nhande ha`ỹ py.

**TG** Omongora pa mavi. Ombojo`o pa. Mbya kuery pe py noi nhemboja`o.

**AS** Javy`a reve rã py nghanoty. Ore py opoaixa gua rei no

## AS PLANTAS TÊM ESPIRITO

**João Mauricio Farias** O que precisa ter a terra para ser uma terra boa?

**Talcira Gomes** A gente tem que ver, né? A gente olha, enxerga, onde que é terra boa. A gente já vê a terra que não é boa. Já sabe que não presta. A terra que a gente vai plantar, que vai dar o que a gente plantou. Se fosse mato, né, aí era terra boa. (...) A gente tem visão. Não é que nem jurua. A visão do branco é dinheiro, né? Pira piré (dinheiro). E a visão dos Guarani não é isso.

**Araci da Silva** É por isso que a nossa luta é em ter terra maior, também. É por conta das plantações, pra poder alimentar nossos filhos e netos. Porque se a gente for comprar do mercado, ao longo do tempo isso vai causar prejuízo.

**Cristina Ribas** Sim, traz doença, o alimento que já está com uma química, né?

**AS** E não é pra se adonar da terra que a gente quer demarcações assim. É para sobreviver mesmo. Esses limites que os jurua botam... A gente poderia muito bem ir ali plantar, só que eles vão destruir, então não dá. Hoje em dia a terra tem dono, e são os juruas, não somos nós.

**TG** Tudo cercado, também. Tudo tem divisa. E os Guarani não têm divisa.



romoi iporã haguã.

**TG** Maëty tu inhe`ẽ va`e havi rima. Jurua kuery opa mba`e omoĩ maëty pỹ ramo inhe`ẽ omanõ. Ore maëty katu ha`e rami he`ỹ ju. Ha`e rami vy hae py ja`u va`e rã ndatuja voi. Jurua kuery rembi`u ivaikue pa voi. Xeru ma oguereko 100 anos ma va`e oiko porã teri (...). Xee oreko teri mbya jety. Joegua he`ỹ he`ỹ. Oin jety rope, jety karãu, jety ju, jety mandi`o, opa mba`e. Heta mavi okanhy yvy nai porã ramo. Ore rentã rã kuery ndoguereko vei ma. Ore roguereko teri. Xe renta rã kuery hapy aa vy py aru meme mba`e mo ra`ỹ gue Argentina gui. Romo kanhy va`e kue py ha`e kuery nomo kanhyĩ. Ha`e vy py xee aa tevoi. Aa porã meme.

**ES** Peixa, peteĩ teĩ tekoa onhemombara hete xepi joupe upe omboaxa vy. Peteĩ ra`ỹ gue`i teĩ. Mbaraete ja`ea ma roguereko. Peteĩ teĩ Tekoa pe nhamboaxa. Ha`e rami mbaraete nhamẽ`ẽ ha`yĩ gue pe ha`e maëty pe.

**TG** Kyringue nhe`ẽ omombaraete havi maëty nhe`ẽ pe. Ovy haguã. Ha`e vy hae py ndorekuai xei ro maëty he`ỹ re. Xe jaryi omaëty ja`ea meme vy ijayu j`pi ore vy pe. Ha`e vy rima roeka yvy porã ve. (...). Nhande jaryi kuery nhe`ẽ havi nhamombaraete. Ha`e vy haepy nhamaëty riae rã, ara pyau nhavon, ndajaxai rã nhamaëty he`ỹ re. Roa ró rã ara pyau ro maëty haguã. Ro moimporã rã ha`yĩ gue`i. Jurua rami he`ỹ py ro moimporã

**AS** E a gente tem que plantar com amor, né? A gente não usa o agrotóxico para “ficar bonito”.

**TG** As plantas têm vida, têm espírito também. E aí quando jurua bota veneno na plantação o espírito morre. E a nossa plantação não é assim. Por isso que o nosso alimento não envelhece logo. Alimento do jurua envelhece logo. Meu pai tem 100 anos e ele está bem ainda.

(...) Eu tenho batata guarani ainda lá. Vários tipos. Tem de jety rope (batatas pequenas), jety karãu (batata roxa), jetyju (batata amarela), jety mandio (batata doce parecida com mandioca), tudo, né? E muito está se perdendo também porque não tem terra boa. Os nossos parentes não têm mais. Nós temos ainda. Porque eu vou sempre nos meus parentes lá na Argentina trazer sementes. E o que nós perdemos eles não perderam. Aí, eu sempre vou. E corre tudo bem.

**Everton da Silva** Assim, cada aldeia vai se fortalecendo nas trocas das sementes. Nas trocas de cada grão de semente. É um fortalecimento enorme, e dos principais que a gente têm. Cada aldeia vai trocando sementes. E assim cada fortalecimento vai se dando também através das sementes, das plantações.

**TG** O espírito das crianças se fortalece com o espírito das plantações também. Dá mais força. Por isso que a gente não quer ficar sem plantar. Minha avó plantava bastante, ela falava isso para nós. Por isso que a gente está à procura de terra melhor.



ore hayu rã ha`yĩ guere ve. Inhe`ẽ havi py.

**JM** Mbya ijayu meme yvyrupa ija va`e`y hare?

**ES** Mbya hyvy, noim mba`eve. Mbya kuery oguata raka`e opa rupi, noim py mba`eve. Ndaikorai py raka`e. Dipori py petei henda py ndereikei. Agỹ ma ijayu Yvyrupa, dipovei ha`e rami, jurua kuery pe, omonkora pa ma py. Agỹ py ndaeve vei ma yvy mboae py jaa haguã. Apy gui nhaxen vy amboae kati jaa nhande yvy py ve`y ma py reiko.

**TG** Yma nhande jaryi kuery, omano mba va`ekue ogueta gue meme ma koo Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro. Yvy marae`y oekaa rupi. Ha`e va`e hae ma agỹ guive oiko.

João Maurício Farias – Pesquisador em psicologia social, realizador de audiovisuais e artista da exposição

Everton da Silva – Fotógrafo e realizador de audiovisuais

Cristina T. Ribas – Pesquisadora, professora e artista da exposição

(...) Fortalecer até o espírito das nossas xejaryis (anciãs), né? É por isso que é importante a gente plantar sempre, cada ano, a gente não fica sem plantar. A gente espera o tempo chegar para a gente plantar. E a gente sempre guarda a sementinha. Não é como o jurua que a gente guarda. A gente fala com a semente. Porque ela tem espírito.

**JM** Os Guarani falam do yvyrupa como território livre, né?

**ES** É, uma terra sem limites, dos Guarani. O guarani caminhava por todo lado. Não tinha limites. Não tinha cerca, não tinha isso de não entrar aqui... E hoje essa fala yvyrupa, acredito que não existe mais, pelos brancos, eles colocaram tudo com cerca... Hoje a gente já tem limites, para sair da terra. Se sair daqui e ir lá do outro lado você já não está na tua terra.

**TG** Já há um tempo, nossos avós, que são falecidos, já caminharam por tudo nesse Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro. E à procura de terras sem males. É isso que agora segue acontecendo.

Transcrição de falas do vídeo *Tekoa Rangaa* (2021)





## REDE DE GUAJUVIRA

**Rubén Franco** Eu vim da Tekoa Tamandua. Os caciques mostraram o caminho, foi assim que eu vim para cá. Eu vim aqui na Tekoa Anhetengua mostrar o meu trabalho para as crianças. É difícil o caminho de lá até aqui, mas eu vim. Meu nome em guarani é Kuaray Rete. Fiquei contente na Tekoa Anhetengua. Daqui a pouco vou terminar uma rede para as crianças verem.

**Jorge Morinico** E como você aprendeu a sua arte?

**RF** Aprendi por conta própria. Já faz sete anos. Eu fui para o mato, descasquei a guajuvira, trouxe as cascas, cozinhei... Cozinho por 30 minutos e depois espero 20 minutos para secar. Depois eu torço e uso para fazer rede, cinto, tudo isso. Demora um pouco, faço de tudo. Faço encomendas para os jurua. Tenho facilidade para fazer esses trabalhos. Faço eles da casca da guajuvira.

Rubén Franco – Tecelão, professor e artista da exposição





## TEMPO-URDUME

Comecem a produzir floresta como subjetividade, como uma poética de vida, cultivem essa lógica dentro de vocês, diminuindo a velocidade, essa tensão que a vida implica, e criem uma essência afetiva, colaborativa, que é a natureza da floresta.

Ailton Krenak

Do que é feita uma rede? Quantas mãos são necessárias para criar uma rede? Quanto tempo é necessário para reuni-las e mobilizá-las em torno de um objetivo comum? Esse trabalho testemunha muitas temporalidades: o tempo de uma ideia e de seu desenvolvimento; o que leva para produzir; as adições ao projeto original; o tempo da comunicação entre os guaranis envolvidos nesse percurso; o tempo que leva para sair de uma aldeia fronteiriça da Argentina com destino a Porto Alegre; o tempo que leva para uma comunidade começar a se refazer após a catástrofe. Tempos quase avessos às expectativas dos jurua, dizimistas da eficiência tecnológica e confiantes na comunicação instantânea, ainda exalando o tempo acelerado em que nos condicionamos a viver.

Quando Ailton Krenak diz: “Comecem a produzir floresta como subjetividade”, ele oferece uma perspectiva sobre o bem viver, oposta à lógica que aqui só poderíamos caracterizar como prometeica, essa baseada em um projeto

compulsório de evolução humana e progresso tecnológicos, inacessível pelos mais afetados por desastres, e incompatível com a emergência climática. Krenak ensina sobre reconhecer-nos fora da matriz colonial que produziu e produz o colapso climático, e nos convida a habitar o tempo presente em relação com a terra que nos alimenta. Enquanto escrevo, penso nas redes afetivas que tecemos ao longo do último ano, nas amizades e nos caminhos abertos por encontros fortuitos.

Observar os ciclos das plantas e ver brotar da terra onde não parecia haver sementes, cria uma tênue intimidade com seus modos de existência – como observar uma capuchinha em sua floração mais bonita, para secar em poucas semanas e inadvertidamente re-brotar passados os meses mais frios. Do cotidiano partilhado, desenvolvemos uma linguagem particular, baseada na percepção cromática e no brilho particular das folhas, aprendemos com o tempo que cada uma delas leva para crescer – apesar das nossas expectativas. Seus modos simbióticos, seus cheiros, raízes e fungos formam uma rede de comunicação invisível e colaborativa da floresta. O ciclo das plantas evidencia nosso veloz descompasso; é lento o tempo da criação – como disse Milton Santos, a velocidade é um dado da política.

O imperativo da velocidade é avesso à lentidão do trabalho de tecer, à entrada na mata para extração da casca da Guajuvira, cujas fibras cozidas e trançadas se transforma-



ram em redes híbridas pelas mãos de uma comunidade provisória. Entre os nós, uma distância intransponível – os guarani não pensam no mundo como os jurua, e é bom que seja assim, que à distância estejamos ainda capazes do encontro, testemunhados no tempo pelos objetos que produzimos com nossas mãos. Conscientes de nós, uma inflexão, um embaraço, um “sujeito” coletivo, podemos reconhecer nas distâncias a possibilidade de não almejar a assimilação e consenso, mas desejar a diferença com uma escuta atenta, envolver-se no presente desejosos de habitar o cotidiano a seu modo e tecer lentamente redes para o futuro.

Érica Saraiva - Pesquisadora, tecelã e artista da exposição



## ARTE-TEAR

A partir da experiência de realização do filme *Guata* (2022), surgiu a ideia de montar uma vídeo-instalação na escola da Tekoa Anhetengua. Criar um evento na escola da Tekoa tinha o intuito de dedicar mais tempo à pesquisa do extenso material gravado para o filme e experimentar com as formas de sua socialização. Em um dos primeiros esboços da instalação nas salas de aula da escola, imaginei grandes redes que criariam situações coletivas de sentar, deitar, estar junto. Estes esboços deram corpo à escrita de um projeto, para o qual conseguimos o primeiro financiamento com o Edital Descentralizados do Fumproarte (2023).

Com o plano de construir uma estrutura que se assemelhasse a uma rede, começou a se delinear uma busca sobre o modo de sua tecelagem. Há, hoje, em abundância, práticas de trançado análogas à tecelagem, por exemplo nos balaios com tiras de taquara ou nas pulseiras e outros adornos de miçanga guarani. Passamos a perguntar aqui e ali sobre artesãos guarani mbya dedicados à tecelagem. Diversos xeramóis e xdejaris (mais velhos) no Brasil, como Talcira Gomes, moradora da Tekoa Para Rokê (Rio Grande), relataram que havia, quando mais jovens, tecelões em suas comunidades, mas com o tempo esses saberes se perderam. Foi através de Epifânio Chamorro, que integrou a equipe do filme *Guata*, que encontramos Rubén Franco, artesão da Tekoa Tamandua, próxima à cidade 25 de Mayo, no distrito argentino de Misiones. Rubén trabalha a fibra da árvore Guajayvi (Guajuvira).

Depois de conhecer Rubén por vídeo-chamada em janeiro de 2024, o convidamos para vir ao Brasil dar uma oficina na Tekoa Anhetengua para transmitir a artesãos locais sua técnica de preparo de fios e tecelagem. Chamamos para compor o encontro a professora e tecelã gaúcha Naia La Bella, que havia realizado uma oficina de tecelagem na escola Anhetengua dez anos antes. Conversamos on-line, Jorge Morinico, Epifânio Chamorro, Naia La Bella e eu sobre o trabalho de Rubén com tecelagem e definimos a confecção de uma rede para uma ou duas pessoas. Karai Tataendy, artesão e professor na escola e sua companheira, Jéssica, também fariam parte deste grupo da oficina. Igualmente Érica Saraiva, artesã e pesquisadora em arte goiana.

Rubén e Aureliana, sua companheira, estiveram seis dias hospedados na Tekoa Anhetengua. A oficina de Rubén aconteceu nos dias 7, 8 e 11 de março de 2024 e foi conduzida em língua guarani com tradução de partes dela para o português. Participaram principalmente moradores da aldeia de diversas idades e professores jurua da escola. Para a atividade, encontramos diversas guajuviras adultas na aldeia e mudas do Instituto de Estudos Culturais e Ambientais (IECAM) (p.69).

Na oficina de Rubén foi realizada a *Kya Guajayvi* (p.55, 61 e 63). Nos meses seguintes, foram preparados na Tekoa Anhetengua mais fios de guajuvira, sendo tecidas coletivamente as *Kya Ipavu* (p. 13 e 29) e *Kya Jopara* (p. 9 e 10). As três redes, ao final do projeto, voltam para a escola da Tekoa Anhetengua para serem utilizadas em suas atividades.

Lucas Icó







## VIVEIRO

Em 4 cantos do trabalho foram instalados vasos cerâmicos produzidos pela artista guarani mbya, Antônia Garai, nos quais foram plantados imagens de um pássaro morto encontrado pelo Ecomuseu Urbano – Cláudia Zanatta e Vado Vergara –, durante caminhadas em Porto Alegre. A impressão da imagem foi feita em papel semente feito a partir de margaridas. Os outros vasos que compõem a circunferência foram produzidos pelo Ecomuseu Urbano, e neles, por ação do ambiente, irão germinar espontaneamente plantas a partir de sementes trazidas pelo vento, insetos e pássaros. No centro da circunferência, também em vaso produzido pelo Ecomuseu Urbano, uma muda de Cedro Vermelho, proveniente do Viveiro Mbya Guarani Guabiju, em Cachoeira do Sul/RS, foi plantada.

Próximo à muda foram dispostas duas cubas cerâmicas com plantas aquáticas que podem ser bioindicadores de ambientes poluídos da natureza. A base da instalação se completa com uma mescla de argila expandida, brita e cacos cerâmicos. O *Viveiro* é uma obra viva em pleno desenvolvimento, na qual se faz necessário a manutenção via rega diária para que as plantas germinem e se desenvolvam. O Cedro Vermelho, árvore nativa, será plantado, no final da exposição, junto a um pássaro morto no espaço público, ficando exposto às dinâmicas do centro urbano.

Sempre que o público visitante desejar, respeitando uma rega diária, poderá aguar a instalação, bastando ter o acompanhamento de funcionária/o do Museu da UFRGS.

Ecomuseu Urbano  
Cláudia Zanatta & Vado Vergara –  
Pesquisadores, professores e artistas  
da exposição



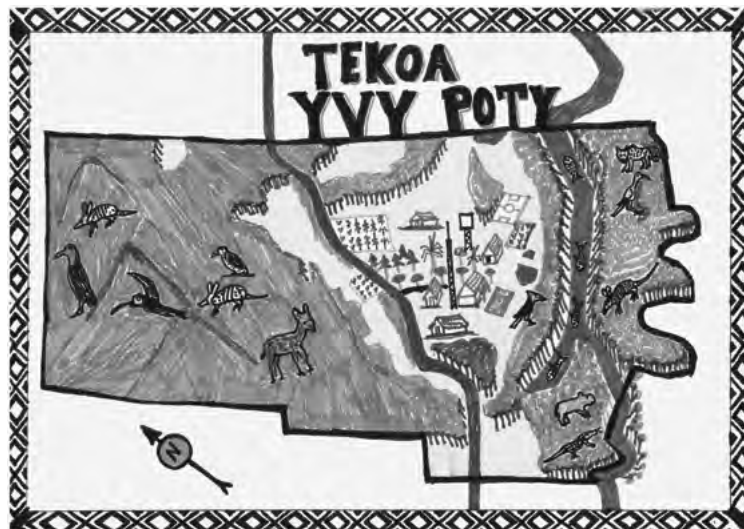


## DESENHAR

**Araci da Silva** A gente já cresce com os desenhos que a gente tem: as nossas pinturas. A gente já vem com isso desde pequeno. Aprendemos a fazer o grafismo desde criança. Eu falo bastante que nós, mulheres guarani, aprendemos muito a nossa cultura na prática, a gente ensina desde criança a fazer isso, os desenhos, o significado de cada coisa. E hoje em dia a gente usa bastante esse desenho (mapas) para, infelizmente, ver os limites dos nossos territórios. O jurua faz mapa para se adonar da terra. E a gente, hoje, faz mapa para poder se proteger dos jurua.

**Everton da Silva** A gente está sempre em perigo. Por causa dos jurua. Por isso ajuda bastante também as fotos e vídeos que a gente faz, para poder mostrar para as aldeias.

**AS** A comunicação se tornou nossa arma principal contra os jurua. Antigamente era arco e flecha, hoje é mais a máquina pra poder registrar. A gente registra tudo pra poder mostrar que não é nossa culpa. E sim eles, que estão cada vez mais invadindo. Sem imagem ninguém acredita. Como lá na Ponta do arado, que teve um tiroteio, o pessoal até juntou as balas...



## FALAR, VER, FILTRAR

Jurua não fala (guarani). Jurua fala a língua que o colonizador trouxe junto de seu corpo, que impôs a tantos outros que fez se misturarem. Eu poderia saber um pouco de alemão, também, mas a vó não pôde mais ensinar para os filhos, lá nas primeiras décadas do século passado. Juruas se atrapalharam também com as suas guerras, e fizeram as tramas ficarem mais “lisas” do que poderiam ser (plurais, ricas, diversas). (Juruas inventaram racismos, preconceito, separaram demais as coisas). Se eu não sei falar guarani é porque estive separada demais desses povos, dessas famílias, que hoje reconheço proximidade. O diminutivo que minha avó Teresa, que dizemos de origem portuguesa, tanto usava em palavras em português (bolinho, leitinho, docinho) talvez fosse o sufixo ‘i’ que em Guarani adiciona uma delicadeza: xivi, onça, xivi’i, oncinha, ou gatinho. Sufixo que aparece quando estamos perto, partilhando algo, recebendo algo.

Então se não fala (a língua), Jurua olha, olha, olha. Fotografia. Filma. Tenta conhecer pela imagem. E guarda muitas imagens, como se precisasse deste acessório da memória, também porque os lugares que fotografa não são de seu cotidiano, são lugares pelos quais passa. Mas aí corremos um perigo, a câmera fotográfica pode amaciar um encontro, simular uma intimidade, aproximando indígena e não indígena. Tenho vontade de desconfiar dessa proximidade e deixar que o olhar (e o ver) sejam adquiridos devagar, como



Habitação de indígenas do povo Miranha na região do Rio Solimões. Cerca de 1868. Fotografia de Albert Frisch. Fonte: Leibniz-Institut fuer Laenderkunde, Leipzig / Instituto Moreira Salles.

no ritmo de aprender uma língua. Afinal, o olhar também ocupa um lugar distinto entre juruas e Guaranis Mbya.

Para o projeto Kya, pensei em ter conversas com algumas mulheres Guarani Mbya que conheço, o que seria um disparador para construir uma espacialidade de intimidade, diferença e, talvez, muitos encontros. O que nos aproxima? Como construímos amizades no lugar daquilo que nos separaria? Conversamos um pouco, eu, Araci, a cestaria de sua mãe, Talcira, e de sua prima Márcia, e um cesto de trama



entreaberta que eu carrego comigo desde meados de 2003. Conversei com Alzira sobre a trama do ver-não-ver do cesto da “barrigudinha”. Sem desenvolver um trabalho diretamente a partir das conversas, permaneci numa imagem que fosse a continuidade de uma relação de mistério. Nesta trama se apresenta um pacto ético: se os não-indígenas querem conhecer o modo de vida guarani, tem que se responsabilizar pelos saberes que os indígenas partilham com eles.

Mais de uma década atrás em uma viagem pelo norte Amazônico, região de indígenas Ticuna, fotografei muito. Conheci casas com estruturas abertas, sem paredes. Platôs elevados do solo (para salvar da umidade), redes penduradas, e divisórias que deixavam pervadir dentro e fora. A casa não é separada do ar fresco que a circunda, a parede não divide, integra. E protege, resguarda e, em parte, esconde. Como memória do que conheci ali, para a exposição concebi uma espécie de parede divisória que permitisse “ver através”. Um painel feito em madeira de diferentes árvores, e que decidi chamar de “Filtro para Jurua”. O “filtro” foi executado pela Oficina de Produção da UFRGS.

Instalamos ele na entrada da exposição, com a ideia de que assim conhecemos exposição Kya no Museu da UFRGS a partir de uma provocação entre dentro/fora/privado/intimo. A estrutura de uma casa de taipa é também construída sobre uma “trama”. E, uma vez em uma aldeia, com a terra caída de um canto da casa, eu podia ver a estrutura feita de taquara - e tentar imaginar a vida guarani “ali dentro”.

Na exposição, o filtro cria um anteparo para o corpo, e foi pensado na escala das casas de aldeia, mais adequado à altura média dos Ticuna, menor do que minha altura. O filtro desacelera aquele que chega na exposição e cria uma separação real ao mesmo tempo em que gera uma espécie de mistério. Vemos o letreiro NHE a partir da luz que atravessa o filtro, a trama permite “ver através” sem ver na totalidade.

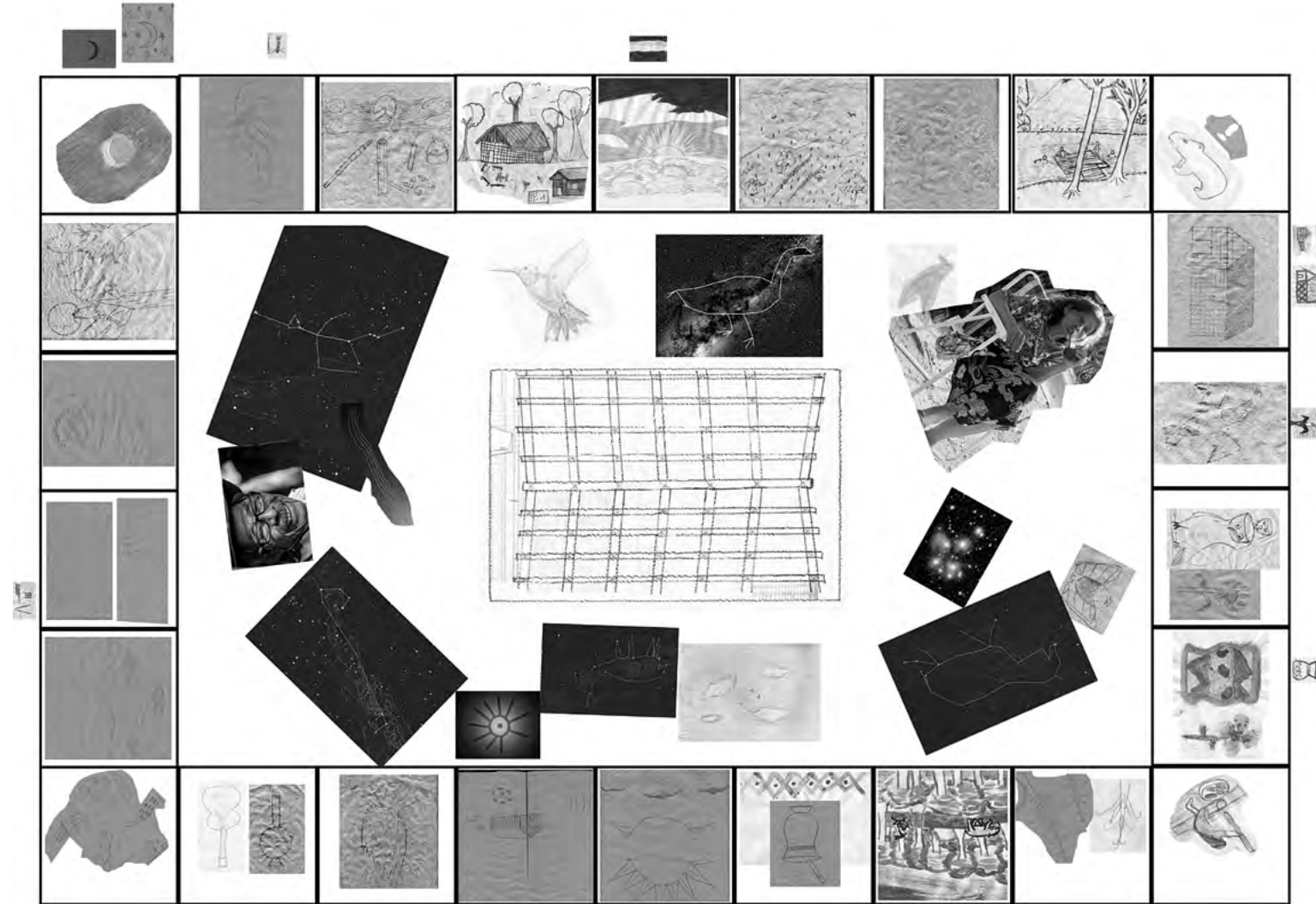
As peneiras também têm esse jogo porque podem funcionar da mesma forma, nos fazendo pensar no que passa através, do que tem que passar e do que tem que ficar, e nas coisas boas que as peneiras preparam - para nos alimentarem e para nos fazerem gente. Desacelerar, “parar para pensar”, reacender o olhar, e o ver. Para conhecer precisamos também do gesto pequeno, falar pouco.

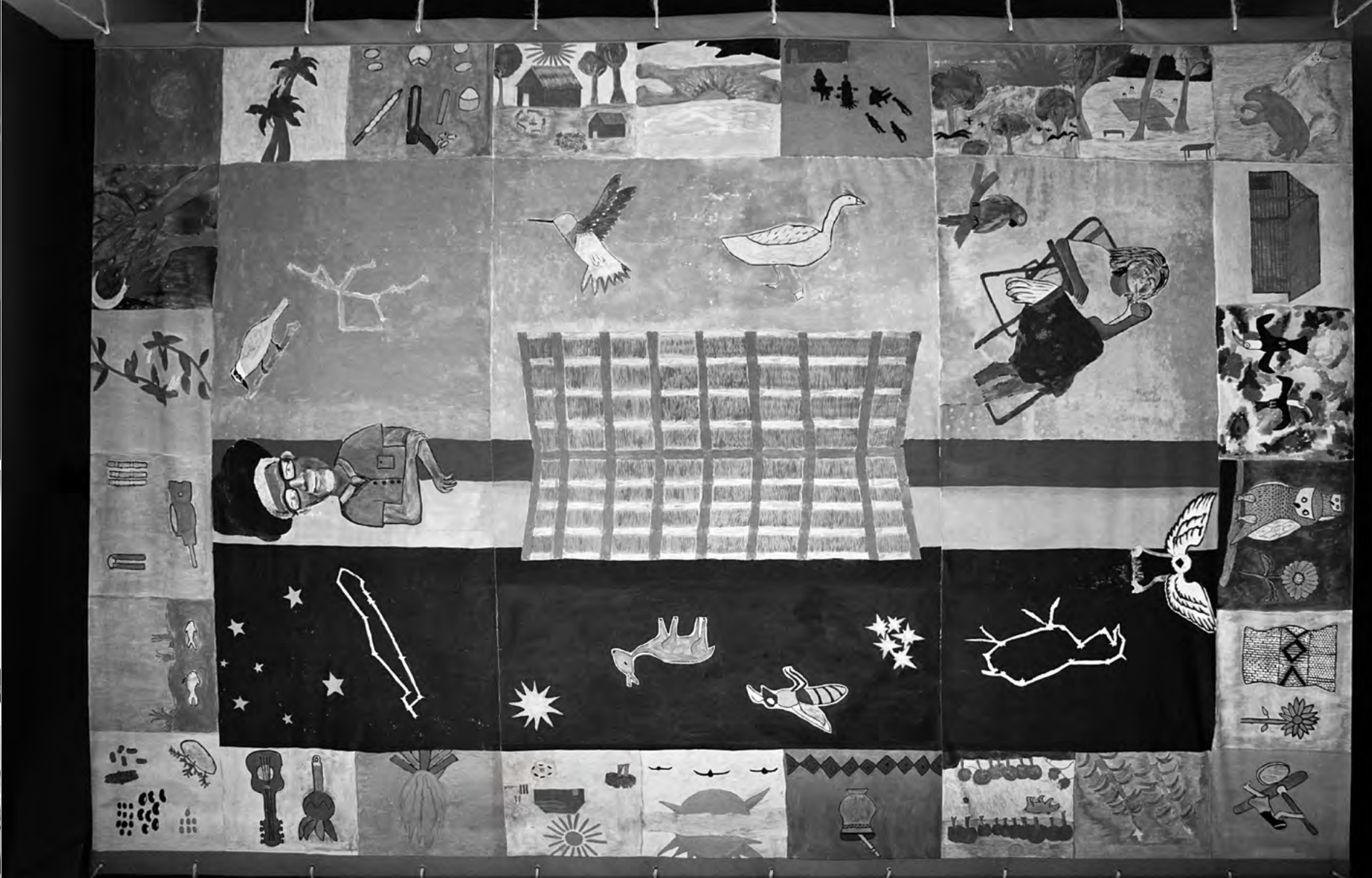
Aprender a dizer javyju, aprender a dizer ajaka, aprender a agradecer: aguyjevete. O corpo, de certa forma, também é um filtro. Na composição suave com espaço seguro das tekoas, ou no limite da relação jurua-indígena, viver o exercício de dizer palavras em outra língua que não a nossa própria, faz perceber como vibram no corpo. (O que também expõe as palavras esfriadas de sentido em nossa própria língua.) Faz conhecer as palavras que se fala nessa terra, muito antes dos meus antepassados chegarem. Mas agora silencio, afinal, jurua fala (ou escreve) demais.

Cristina Ribas









## LEGENDAS DAS IMAGENS

**P.1** *Aripuca*, 2025. Armadilha construída por Eloir Wera Xondaro, Nelson de Oliveira e Lucas Ferreira.

A aripuca é um tipo de armadilha usada para a caça de animais pequenos, tais como pássaros e roedores. Dentro da estrutura de madeira, é colocada uma isca, como o milho.

**P.2-3** *Bichos* (2025) e *Potes* (2025). Cerâmicas de Antonia Garai (Kerexu), queimadas em fogueira. Vista geral na p.64.

**P.4-5** *Filtro para Jurua*, 2025. Painel de Cristina T. Ribas realizado em madeira de diferentes árvores, executado pela Oficina de Produção da UFRGS.

Inspirado na arquitetura do noroeste amazônico, na qual não se usa janelas mas “paredes vazadas”, e que pode ser realizada em diferentes materiais. Pintado com geotintas produzidas com solo da Retomada Nhêngatu e tintas industriais.

**P.6** *Ajaka*. Cestas do acervo do Museu da UFRGS.

**P.7** *Ajakape*, 2025. Peneiras de Talcira Gomes.

Seu processo envolve “colher a taquara, raspar a casca, cortar e produzir tiras uniformes, em uma operação que exige precisão de movimentos. Trançar as cestas exige muita atenção, paciência e dedicação para criar os padrões geométricos que possuem simbologia própria.” (Araci da Silva)

**P.8-9** Vista geral do primeiro andar da exposição.

À esquerda: *NHE*, 2025. Instalação de letreiro luminoso com lâmpadas led e cordas de sisal.

A palavra *nhê'ê* na língua guarani traduz um sentido de espírito como princípio vital que não morre ou não acaba, que habita as pessoas por um tempo, uma “palavralma” ou o “som do sopro da fala” (Carlos Papá). Quando *nhê'ê* se move entre lugares acontece de não caber no espaço, de se transformar em parte de palavra, alma partida, que é quando o telúrico toma conta. Versão da instalação concebida na Tekoa Anhetengua em 2024. Concepção: Lucas Icó em interlocução com Jorge Morinico.

À direita: *Kya Jopara* (2024), rede com fios de algodão e de guajuvira concebida e realizada na oficina da tecelã Naia La Bella, com tear pente-liço, na Tekoa Anhetengua. *Jopara* é uma comida feita de feijão cozido com milho, ou com arroz.

**P.10** Detalhes da tecelagem da *Kya Jopara*, 2024.

**P.11** Pintura com pigmentos naturais e industriais na parede na entrada do museu.

**P.13** Detalhes da tecelagem da *Kya Ipavu*, 2024. Rede com fios tingidos de algodão e de guajuvira, concebida e realizada na oficina da tecelã Naia La Bella, com tear pente-liço, na Tekoa Anhetengua.

*Ipavu* é uma lagoa em Mato Grosso, próxima onde vive o povo Kamaiura - povo que faz redes - e que inspiraram a rede *Kya Ipavu*.

**P.15** Detalhe da realização da *Kya Ipavu* no tear de pente-liço.

**P.16** Artesãos da Tekoa Anhetengua preparando fios de guajuvira para tecelagem da *Kya Ipavu* e da *Kya Jopara*, 2024.

**P.17** Rubén Franco preparando o punho da *Kya Guajayvi*, 2024. Still do vídeo de 14 minutos que apresenta a oficina de tecelagem da



*Kya Guajayvi*, conduzida pelo tecelão na Tekoa Anhetengua. Edição e tratamento de imagem: Vicente Carcuchinski.

**P.19** Fotografia em Barra do Ouro da série *Os Guarani Mbya*, 2008-2015.

Durante um período de sete anos, o cacique Guarani Mbya Vherá Poty e o fotógrafo porto-alegrense Danilo Christidis fotografaram o cotidiano de 15 aldeias no Rio Grande do Sul. Deste trabalho, resulta o livro “Os Guarani Mbya”, e uma exposição fotográfica no Museu da UFRGS (2015), de mesmo título.

**P.20** *Ajaka*. Cestas do acervo do Museu da UFRGS.

**P.21-22** *Nhandu kya. Teia de aranha*. 2024.

Fotografias de Cristina Ribas e Lucas Icó. Sítio Libélula, Rolante, RS.

**P.23-25** *Armadeira*, 2025. Pintura com geotintas preparadas na Tekoa Nhe'ngatu a partir de textos de Lucas Icó, em diálogo com lideranças das comunidades Tekoa Anhetengua e Tekoa Nhe'ngatu. Realização: Érica Saraiva.

**P.26** *Aripuca*, 2020. Fotografia de Lucas Icó.

**P.27** *Maino'i. Colibri*. 2025. Pintura com tinta preparada com pó xadrez, realizada por Reni Para'i Érica Saraiva. Composição do texto: Reni Para'i. Desenho-base: Lucas Icó.

O texto na pintura conta um dos momentos da criação do mundo, quando surge o colibri, “pássaro futuro / luz veloz / que paira / em flor e beijo / que voa não voando” (Kaká Werá).

**P.28** Fotografia da série *Os Guarani Mbya*, 2008-2015, de Vherá Poty e Danilo Christidis.

**P.29** Vista geral da exposição com *Kya Jopara* no canto, e folhas de Pindo no fundo.

**P.30** Still de *Guata HVX200*, 2025. 3 horas e 58min.

Material bruto completo das filmagens de uma das câmeras (Panasonic HVX200) utilizadas nas filmagens do média-metragem *Guata (Caminhar)*, de 2022. *Guata* tem direção de Jorge Morinico, Epifanio Chamorro e João Mauricio Farias. A instalação é uma proposta de Jorge Morinico e Lucas Icó, que colaboraram na concepção e roteiro de filmagem do média-metragem original.

**P.31** Fotografia da série *Os Guarani Mbya*, 2008-2015, de Vherá Poty e Danilo Christidis.

**P.32-33** Still de *Arado*, 2025. 9min, looping. Vídeo-instalação.

Timóteo Karai e Regina da Silva fazem a defesa de um importante território tradicional guarani na Ponta do Arado Velho, a Tekoa Yjere; local hoje assediado por interesses corporativos e da Prefeitura de Porto Alegre. Edição e tratamento de imagem: Vicente Carcuchinski. Concepção: Lucas Icó, João Mauricio Farias e Jorge Morinico.

**P.34-35** Vista da exposição e detalhe do mapa interativo *Porto Alegre Guarani Mbya*, 2025.

Mapa digital da presença guarani na Região Metropolitana de Porto Alegre. Acesso em: <https://tinyurl.com/5n755fws>. Produzido por Guilherme Maffei Brandelise, João Mauricio Farias e Laércio Gomes para a exposição.

**P.39-41** Fotografias no centro de Porto Alegre da série *Os Guarani Mbya*, 2008-2015, de Vherá Poty e Danilo Christidis.



**P.42-45** Still de *Nhamandu Mirim. Pequeno Sol*. 2025. 14 min.

O filme surge de um convite de Lucas Icó e Sol Archer a Sergio Morinico, organizador do grupo de canto e dança Teko Guarani: registrar o grupo cantando e tocando suas canções no centro da cidade de Porto Alegre. O percurso realizado pelo grupo inicia no local aproximado da casa de Karai Vicente, onde, em meados do século 19, se localizava o antigo portão da cidade, e segue até as esculturas nas paredes externas da base da Catedral da Matriz, conhecidas popularmente como “carrancas”, e que representam o rosto de um homem indígena – Francisco Cogogn Topp –, do povo Xokleng. O grupo escolheu canções de seu repertório para interpretar nos locais e durante o percurso. “Pequeno Sol” é uma destas canções.

**P.47** Detalhe da pintura mural *Ara regua. Cosmologia guarani*. 2025. Mais informações na legenda da p.76-81.

**P.49-54** Oficina de tecelagem da *Kya Guajayvi* conduzida por Rubén Franco na Tekoa Anhetengua, em março de 2024. A oficina é apresentada na exposição em um vídeo de 14 min.

**P.55** *Kya Guajayvi* instalada na escola da Tekoa Anhetengua, em outubro de 2024.

**P.57-59** Oficina de tecelagem das *Kyas Jopara* e *Ipavu* conduzida por Naia La Bella, na Tekoa Anhetengua, em 2024. A oficina é apresentada na exposição em um televisor através de uma sequência de 63 slides fotográficos.

**P.61** Vista da exposição com *Kya Guajayvi* (2024) e instalação de *Guata HVX200* (2025).

**P.62** Vista da exposição com *Ajakas* e *Vixos* do acervo do Museu da UFRGS.

**P.63** Vista geral do segundo andar da exposição com a *Kya Guajayvi*, *Apykas* (bancos zoomorfos) e instrumentos musicais produzidos pela Tekoa Nheengatu, *Ajakas*, e o audiovisual *Pequeno Sol* (2025).

**P.64** Vistas da exposição.

Em sentido horário:

*Xivi* (onça) entalhada em madeira e *Rave* (violino) do acervo Unidade dos Povos Indígenas, Imigrantes, Refugiados e Direitos Difusos/UPIIRDD/DDHOI/SMDS/PMPA, e *Takuapu* (bastão rítmico) feito pela Tekoa Nheengatu;

*Monde*, 2025. Armadilha construída por Eloir Wera Xondaro, Nelson de Oliveira e Lucas Ferreira. A monde é um tipo de armadilha usada para a caça do tatu e pode ser construída com pedaços de madeira de aproximadamente 1,5m de comprimento com amarração de cipó em uma das extremidades. Tem pouca durabilidade, sendo colocada diretamente na saída da toca;

Vista geral de *Bichos* (2025) e *Potes* (2025). Cerâmicas de Antonia Garai (Kerexu), queimadas em fogueira.

*Apyka Kaguaré* (banco zoomorfo tamanduá) do acervo Unidade dos Povos Indígenas, Imigrantes, Refugiados e Direitos Difusos/UPIIRDD/DDHOI/SMDS/PMPA.

**P.65** Fotografia de armadilha da série *Os Guarani Mbya* (2008-2015), de Vherá Poty e Danilo Christidis, e *Pedacinho de chão* (alto) (2025), de Cristina T. Ribas, jardineira com “diversas plantas, mudas de alimentos, taquaras, pequenas árvores que nascem em potes de casa e sementes por brotar”.



**P.67-68** *Viveiro*, 2025. Instalação do Ecomuseu Urbano (Cláudia Zanatta | Vado Vergara) e de Antônia Garai com cerâmica vitrificada em alta temperatura, cerâmica guarani mbya de queima artesanal, plantio de cedro vermelho, plantio de imagem com papel-semente, brita e cerâmica expandida.

**P.69** Muda de Guajuvira na Tekoa Anhetengua.

**P.70** Mapas representando territórios guarani mbya no Rio Grande do Sul, feitos como material didático pelos professores guarani no contexto da 2ª edição da ação de extensão Saberes Indígenas na Escola Núcleo UFRGS (2017).

**P.71** Estudo de Cláudia Kerexu Gomes para ‘*Ara regua. Cosmologia guarani*. 2025.

**P.73** Fotografia da série *Os Guarani Mbya*, 2008-2015, de Vherá Poty e Danilo Christidis.

**P.75** *Aquarela de pincel rolado*, 2025, de Cristina T. Ribas.  
“As águas se levantam mais do que estamos acostumados a ver, produzem a enxurrada e a enchente. Arrancam as capas que cobriam as camadas geológicas, e revelam terras de todas as cores. Para entender esses movimentos, inventei uma ‘aquarela de pincel rolado’, que se move como a água que rola levando detritos, a terra-fina e pó-de-pedra, e aqui a tinta da aquarela mesmo.”

**P.76-81** *Ara regua. Cosmologia guarani*. 2025. Pintura sobre lona com geotintas e pó xadrez realizada durante oficinas conduzidas por Reni Para’i, Eloir Wera Xondaro, Anildo Kuaray e Lucas Icó na escola da Tekoa Nhe’ngatu, em fevereiro e março de 2025.  
Foram realizadas oficinas de preparo de tintas com terra

da Tekoa e de composição da imagem para a pintura. O mutirão de pintura do mural envolveu muitas mãos.

**P.85** Vista da exposição. Da esquerda para a direita:  
*Yrupê. Esteira*. 2025. Esteira feita de taquara, concebida e realizada por Márcia da Silva em diálogo com Araci da Silva, Talcira Gomes e Cristina T. Ribas.

*yy-yvy-yvytu-tata*, 2025. Pintura mural. Grafismo formado pela escrita combinada das palavras yy (água), yvy (terra), yvytu (vento) e tata (fogo). Realização de Reni Para’i e Érica Saraiva com marcação do desenho-base de Lucas Icó.

*Pedacinho de chão (baixo)* (2025), de Cristina T. Ribas. Jardineira com “diversas plantas, mudas de alimentos, taquaras, pequenas árvores que nascem em potes de casa e sementes por brotar”.

**P.87, 89** Registro de visitas, encontros formativos e atividades especiais na exposição.

**P.94-95** Stills do audiovisual *Nhamandu Mirim. Pequeno Sol*. 2025. 14 min. Mais informações na legenda p.42-45.

**P.96** Detalhe do diagrama em adesivo vinílico na entrada do museu. O diagrama completo pode ser visto na capa do catálogo.

**VERSO DA CAPA** Stills de *Guata HVX200*, 2025. Mais informações na legenda p.30.



## EXPOSIÇÃO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

**Reitora** Marcia Barbosa

**Vice-reitor** Pedro Costa

**Pró-reitora de Extensão** Daniela Borges Pavani

**Vice-pró-reitora de Extensão**

Patricia Helena Xavier dos Santos

### Aluna/os com atividades no Museu

Antônia dos Santos Py

Bruno Sójá Vaz

Bernardo Carretta Diniz

Fernanda Namie Nakamura

Germano Petry Bortoluzzi

Gianluca Palavro Hoffmann

Lauren Catarina Bengochêa de Araújo

Lucas Quadros Petry

Mariana Rita Cavaletti

Marina Terres

Pietra Caceres Vighi

Rafaela Oliveira Nunes

Sally Jacon

Sofia da Silva

Vitória Dutra

### Museu da UFRGS

**Diretora** Claudia Porcellis Aristimunha

Celso Alegransi

Eliane Muratore

Hodo de Figueiredo

Isabel Nepomuceno

João Vicente Teixeira Buzzatti

Maura Bombardelli

Rafaela Silva Thomaz

### Equipe de Apoio

Juçara Quintana

Juliana Santos da Silva

### Equipe EQS Engenharia

Fabrcio Silva; João Fernando Locatelli; Rafael dos

Santos Duarte; Christian Luz da Silva Forte; Isaías

dos Reis Peres; Paulo Bortolotti Pereira; Cladmir

Fonseca Assis

### Mobiliário

Chefe da OFPROD Paulo Roberto da Cunha Ferraz

### Marcenaria

Valério Silveira Brum (servidor); Joyce

Paulo F. de Oliveira (servidor); Jeferson Linhares dos

Santos (EQS); Diego Andrei A. de Moura (EQS);

Wesley dos Santos Garcia (EQS)

### Serralheria

Claudio Freire Siqueira (EQS); Vilmar

Cristiano de Oliveira (EQS); Fabio Telles Vieira

(EQS); Wesllen Gomes da Silva (EQS); Adriano da

Silva Pereira (EQS)

### Transporte

Clair Rodrigues da Rosa (Nascimento

Serviços de Limpeza LTDA)

### Identidade visual

Lauren Catarina Bengochêa de Araújo

i-Motirô

### Curadoria

Lucas Icó

### PROJETO JEGUATA ARANDU / KYA

#### Concepção

Artistas e Artesãos da Tekoa Anhetengua

i-Motirô

CAMP

#### Artistas / Pesquisadores / Professores

Anildo Kuaray Gomes

Antonia Garai

Araci da Silva

Cláudia Kerexu Gomes

Claudia Zanatta

Cristina T. Ribas

Daniel Nunes

Danilo Christidis

Ecomuseu Urbano

Eloir Werá Xondaro

Epifânio Chamorro

Érica Saraiva

Grupo Teko Guarani

Guilherme Maffei

Jéssica Silveira Benites

João Maurício Farias

Jorge Morinico

Karai Tataendy

Laércio Karai

Lucas Icó

Lucas Ferreira

Márcia da Silva

Marcelo Martínez

Maria de Fatima Morinico

Naia La Bella

Nelson de Oliveira

Reni Para'i Gomes

Rubén Franco

Sérgio Morinico

Sol Archer

Talcira Gomes

Vado Vergara

Vherá Poty

#### Coordenação executiva

Jaqueline Beltrame

#### Expografia

Juliana Sicuro

Angela Blanco

#### Montagem

Rafael Muniz

#### Fotografia

Cristiano Sant'anna

#### Assessoria de imprensa

Rapha Dona Flor

#### Agradecimentos

Andreia Martins, Aureliana Benitez, Bianca Biazuz, CAPES,

Escola Anhetengua, Escola Nhe'engatu, Grupo de Pesquisa CNPQ

Poéticas Participativas, Hannah T. Jones, Jacimara Heckler, Juliana

Scheneider Medeiros, João Batista, José Cirilo Morinico, Laurinda

Kerexu, Marilu Goulart, Museu de História Julio de Castilhos,

Regina da Silva, Saberes Indígenas na Escola Núcleo UFRGS, Sofia

Robin, Talcira Gomes, Timóteo Karai, Turíbio Karai Nhe'ë Katu e

Valdiria Thorstenberg

## CATÁLOGO

### Textos / Relatos / Registros orais

Araci da Silva  
Carmem Guardiola  
Cláudia Porcellis Aristimunha  
Cristina T. Ribas  
Ecomuseu Urbano  
(Cláudia Zanatta e Vado Vergara)  
Érica Saraiva  
Everton da Silva  
João Mauricio Farias  
Jorge Morinico  
Lucas Icó  
Talcira Gomes  
Timóteo Karai  
Rubén Franco

### Fotografias / Imagens

Cláudia Kerexu Gomes  
Cristiano Sant'anna  
Cristina T. Ribas  
Danilo Christidis  
Érica Saraiva  
Equipe Museu da UFRGS  
Jacimara Heckler  
Jorge Morinico  
Lucas Icó  
Naia La Bella  
Sol Archer  
Vherá Poty  
Vicente Carcuchinski

### Organização

Cristina T. Ribas  
Lucas Icó  
Museu da UFRGS

### Tradução

Ivanilde da Silva

### Projeto gráfico

i-Motirô

### Impressão

Gráfica da UFRGS

Esta publicação registra a exposição “KYA - Tramas Teias Redes Guarani Mbya e Jurua”, em cartaz no Museu da UFRGS de abril a agosto de 2025

Kya tramas teias redes: Guarani Mbya e Jurua / catálogo da exposição organizado por Lucas Icó, Cristina T. Ribas e Museu da UFRGS. – Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2025.

96 p.  
ISBN: 978655973482-5

1. Arte Indígena – Guarani Mbya. 2. Arte Não-indígena – Jurua. 3. Antropologia Cultural. I. Icó, Lucas. II. Ribas, Cristina T. III. Museu da UFRGS.

CDU 730  
572(063)

Catologação-na-publicação: Biblioteca Central/UFRGS

Apoio:



Financiamento:



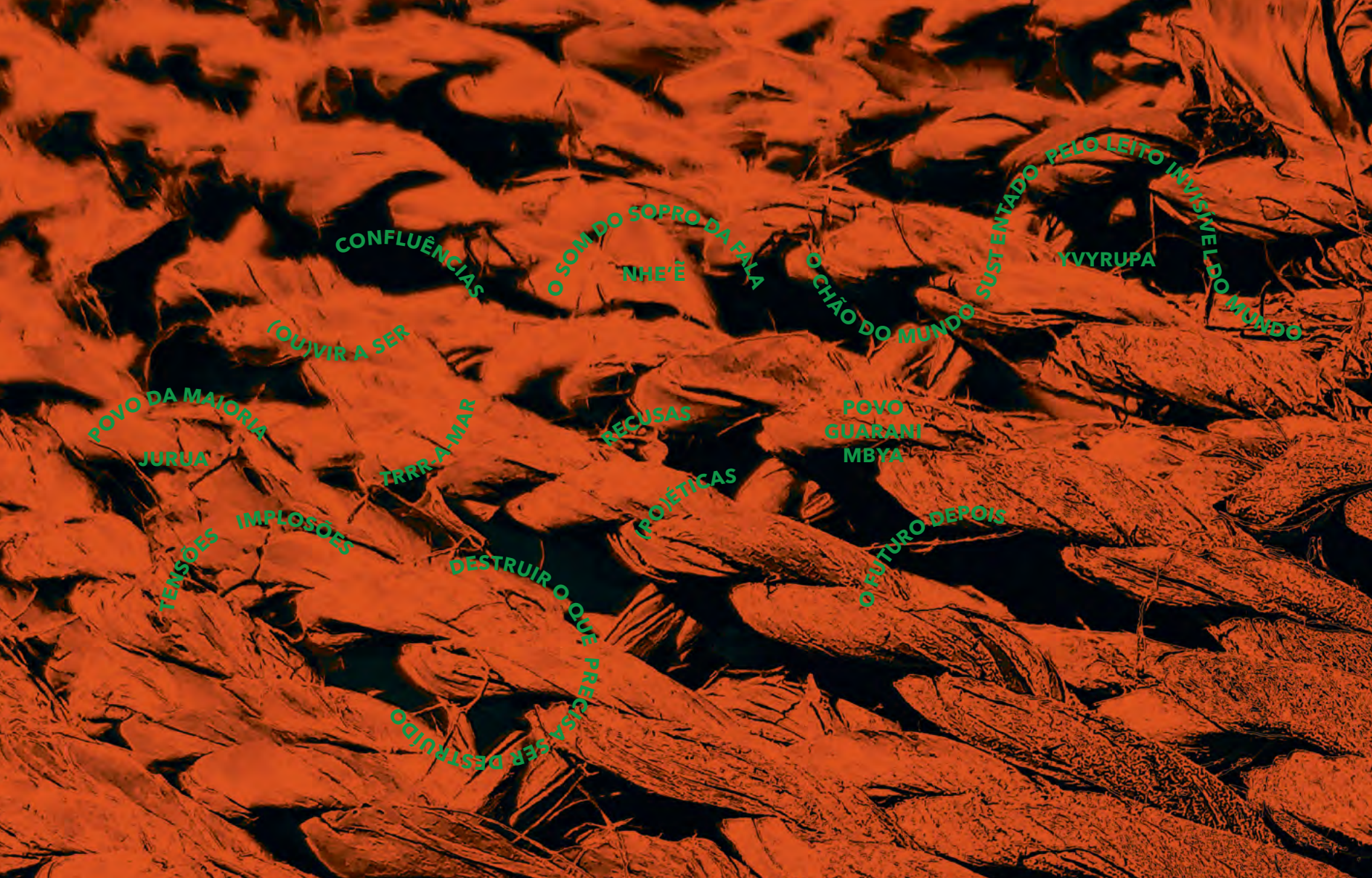
Realização:



Este projeto foi fomentado pelo PROGRAMA FUNARTE RETOMADA 2023 - ARTES VISUAIS







CONFLUÊNCIAS

O SOM DO SOPRO DA FALA

NHE'É

O CHÃO DO MUNDO

PELO LEITO INVISÍVEL DO MUNDO

YVYRUPA

(OU VIR A SER

POVO DA MAIORIA

JURUA

TRRR A MAR

RECUSAS

POVO  
GUARANI  
MBYA

(PROJÉTICAS

TENSÕES

IMPLOSÕES

DESTRUIR O QUE

PRECISA SER DESTRUÍDO

O FUTURO DEPOIS